

JORNAIS, ROMANCE-FOLHETIM E A LEITURA FEMININA NO SÉCULO XIX: INFLUÊNCIAS TRANSATLÂNTICAS?

Gina Guedes Rafael

Bibliotecária, Biblioteca Nacional Portugal

RESUMO

Os periódicos em Portugal surgem a partir do século XIX. O hábito da leitura e a troca de informações em conversas passam a fazer parte da sociedade que começa a ter liberdade de opinião. Os periódicos femininos se popularizam, com repercussão mesmo entre aquelas que não lêem. O romance-folhetim que se difundira em França expande-se em Portugal, com reflexos no Brasil. O género torna-se um contributo fundamental para que as camadas mais baixas da população usufruam de bens culturais, podendo criar hábitos de leitura que estimulavam o desejo de ler e desencadeavam a fidelização do leitor.

Palavras-chave: Jornais e folhetins. Difusão da informação. Periódicos e leitoras.

OS JORNAIS E O ROMANCE-FOLHETIM

Em Portugal, a imprensa desenvolve-se após 1834, numa sociedade verdadeiramente burguesa, em que a liberdade de opinião permitia debater os problemas do país, levantando questões que interessavam diretamente à burguesia e que começavam a atingir um público mais heterogéneo, como referem alguns dos periódicos literários e científicos mais destacados, por exemplo: *O Panorama* (Lisboa, 1837) dirigido por Alexandre Herculano e a *Revista Universal Lisbonense* (Lisboa, 1841) de António Feliciano de Castilho. Mais tarde, na segunda metade do século XIX, a industrialização da imprensa, juntamente com a substituição do artigo de opinião pela notícia, introduziram um conjunto de mudanças significativas que transformaram o espaço público.

O século XIX foi o século do periodismo e foi também o século em que se popularizaram os periódicos femininos¹ (LEAL, 1992). Na segunda metade do século XIX, a população em geral começou a ler e no último quartel do século iniciou-se em Portugal o hábito de ler os jornais e em paralelo com o romance, surgia o folhetim que passou a ser conhecido como romance-folhetim² e que sendo um género inventado para o jornal e apresentado em notas de rodapé, acabou por se tornar um estímulo na vida do jornal. (MEYER, 1996).

O romance-folhetim que nasceu em 1836, reflete os momentos da História de França, de 1836-1914, do movimento operário, da ascensão da burguesia e do romantismo, e ao abordarmos a origem do folhetim em Portugal e no Brasil somos necessariamente obrigados a remeter para o periodismo francês do início do séc. XIX e para Émile Girardin. Quer os jornais portugueses, quer os brasileiros, à semelhança dos jornais franceses passaram a contar com esta nova particularidade: a introdução do

1 Consideramos periódicos femininos todas as publicações destinadas a público feminino, de conteúdo sobretudo literário (destinado a ser lido).

2 Émile Girardin inventou o jornalismo moderno e o romance em pedaços ao decidir publicar ficção nos periódicos: o *romance folhetim* ou *feuille ton-roman*. Encomendou expressamente a Balzac, a novela *La vieille fille* para sair em série (1836). Em França, o romance folhetim adquire a sua forma definitiva na década de 1840, sendo Eugène Sue e Alexandre Dumas, os representantes máximos desta nova concepção de ficção. (MEYER, 1996).

romance-folhetim no seu conteúdo, de forma a garantir assinaturas e a conquistar novas camadas de público, principalmente feminino (TINHORÃO, 1994). Este ato desencadeou nos jornais um aumento na divulgação, ganhou espaço na imprensa através dos textos de autores franceses, brasileiros e portugueses e fez com que nos dois países, o gênero folhetinesco se mantivesse semelhante ao de França: publicação em notas de rodapé, publicação em séries de grandes temas românticos e melodramáticos.

A imprensa vai deste modo, permitir estabelecer laços entre as classes sociais e, fundamentalmente, entre os dois sexos e nos finais do século, o folhetim torna-se um contributo fundamental para que as camadas mais baixas da população usufruam de bens culturais, podendo criar hábitos de leitura que estimulavam o desejo de ler e desencadeavam a fidelização do leitor. Esta nova atitude perante a sociedade, parece ser justificada pelo aumento do número de leitores / leitoras, pela progressiva alfabetização e escolarização e pela transformação dos meios de comunicação. O fenómeno de leitura alcançou proporções extraordinárias na vivência diária e no imaginário dos leitores, desenvolvendo um estímulo de grande importância sócio-cultural, em que as diferentes formas de ler e a nova relação estabelecida com o livro ou jornal permitiram definir novas práticas interligadas de sociabilidade. Por outro lado, a publicação em jornais de informações relativas a livros, a anúncios ou notas que continham simples referências a romances, a traduções feitas ou a novidades literárias em espaços próprios, não só promove a circulação de romances como também fomenta o interesse da leitora feminina. Grande parte destas iniciativas foram da responsabilidade do *Diário de Notícias*³, fundado em Dezembro de 1864 e que no primeiro editorial apresentava a seguinte afirmação:

Ao público: A publicação que hoje empreendemos, convencidos da sua necessidade e utilidade, visa um fim único: interessar a todas as classes, ser acessível a todas as bolsas e, compreensível a todas as inteligências (...) É pois um jornal de todos e para todos - para pobres e ricos de ambos os sexos e de todas as condições, classes e partido.

Um meio de satisfazer o desejo de conhecer e de saber o que a sociedade feminina manifestava, surge com a divulgação da imprensa periódica na sociedade portuguesa e confirmada por pesquisa efetuada nas coleções de jornais da Biblioteca Nacional de Portugal. Estes jornais selecionados por diferentes periodicidades, orientações e géneros⁴ no geral publicados em meios urbanos, em especial Lisboa e Porto⁵ permitiram observar a expansão do fenómeno folhetinesco e a nítida influência francesa nas culturas portuguesas e brasileiras. (TENGARRINHA, 1989).

*L'abeille française, L'abeille: revue encyclopedie, Almanach das Senhoras para o ano ...Portugal e Brasil, Diário de Notícias, Estação de Paris, Le Franco-Portugais, Jornal do Brasil, Jornal do Porto, A Ilustração portuguesa, La Lusitanie, Revolução de Setembro Revista da America, Portugal e Brasil*⁶ são jornais que não só testemunham o aparecimento e a moda do folhetim, do romance português e do francês essencialmente, como também divulgam os livros traduzidos do francês e as notícias do Brasil e de França.

3 O *Diário de Notícias*, é um exemplar de jornal que não só publica notícias, como edita fragmentos de romances e publica anúncios literários, o que nos permite compreender o estudo em causa. Foi um jornal sustentado por uma secção de anúncios, onde se divulgavam as obras do Padre António Vieira, as obras de Júlio César Machado e também as traduções francesas: O cavaleiro da casa vermelha “de Alexandre Dumas, Theresa Demonio, romance de Henrique Kock, tradução de Camilo Mariano Froes ao preço de 500 réis etc.”

4 Jornais de matérias diferentes: noticiosos, femininos, divulgadores de conhecimentos úteis, de letras, artes, especializados para comunidades luso-brasileiras e luso-francesas...(classificação de publicações periódicas de acordo com quadro geral de variedades referido por Tengarrinha (1989 p.19).

5 Na medida em que estes centros populacionais congregavam maior número de alfabetizados e também maior número de agentes culturais e os jornais divulgavam o romance-folhetim com influência cultural francesa e brasileira.

6 Cf. Referências.

No trabalho de pesquisa realizado em *O Jornal do Porto* em 1859, encontramos publicados os capítulos de “O romance de uma mulher” de Dumas Filho, o “Romance de um Mancebo Pobre” de Octave Feuillet, o “Arneiro de Milão” de Ponson du Terrail. Também, o escritor português Júlio Dinis publica pela primeira vez em folhetim, no *Jornal do Porto*, “Uma Família de Ingleses”, assim intitulado no jornal (nº50, 28 de Fevereiro de 1867), que mais tarde sairá em livro com o título de “Uma família inglesa”. Por sua vez, *O Diário de Notícias* em 1865 (14 de Dezembro) apresenta a tradução do folhetim de Alexandre Dumas Pai “As Estrelas Mascates”, e em 1866 (9 de Março), a tradução de “O Doutor Wilfrid à procura da peste parda” de Ponson du Terrail. Em 1869, também *O Primeiro de Janeiro*, apresenta o folhetim traduzido “Memórias d’um Gendarme” romance de Ponson du Terrail, no jornal *A Revolução de Setembro de 1871* encontramos os folhetins de H. Balzac: “Gobseck” e “A mulher abandonada” e *O Século* apresenta o folhetim do Século com o romance da revolução: “Noventa e três” de Victor Hugo e também “Amor e Veneno” de Emile Gaboriau.

Pesquisamos também jornais editados em Lisboa e destinados à comunidade brasileira: Portugal e Brasil, e *Revista da América*, com folhetim de literatura brasileira “O Vaileiro”. Já, *O Jornal do Brasil* (1987, p.2) na Apresentação divulga: “ao mesmo tempo hão ter lugar aqui também ao lado de ilustrações portuguesas, ilustrações brasileiras e nomes ilustres do Brasil, a par dos mais ilustres nomes portugueses”.

E de fato, mais tarde, entre 1869 e 1887, deparamo-nos com alguns nomes de colaboradores portugueses, como Eça de Queirós, Ramalho Ortigão em o “Mistério da Estrada de Sintra”, os romances de Maria Amália Vaz de Carvalho que surgem ao lado de escritores como Alexandre Dumas e de Ponson du Terrail na *Gazeta de Campinas* (MEYER, 1996, p. 297). Em *O Século* observamos o anúncio “Novas publicação: Camões e os Portugueses no Brasil. Reparos críticos pelo Dr. Figueiredo Magalhães. Um vol. nitidamente impresso no Brasil 500 réis.”, assim como, o anúncio de vendas das obras de Paul Kock, as novas proezas de Rocambole. Registámos também breves anúncios sobre a literatura, venda de livros, crônicas literárias, em alguns desses jornais.

Em *A Abelha : jornal de utilidade, instrução e recreio*, jornal dirigido por Catarina Andrada⁷ escrito em português e francês e editado simultaneamente em francês com o título *L’Abeille française* (nº 1, Abril 1836) e na continuação do referido jornal - *L’Abeille: revue encyclopédie* no nº 56 (15 Dec. 1842) publica-se o folhetim “Les mysteres de Paris” de Eugene Sue. Já no final do século registamos a edição de uma publicação feminina *A Estação de Paris*, revista de modas, literatura, elegância e bom tom e em *O Almanach das senhoras para...(ano)*, ambos dirigidos por Guiomar Torrezão apresentam-se as biografias de romancistas e de outros autores e possuem a colaboração dos principais escritores de Portugal, Brasil, França, e no caso do *Almanach das senhoras...* referencia-se que é cada vez mais apreciado em Portugal e no Brasil, conforme edição do ano de 1890. Estudámos ainda jornais editados em Portugal, mas com notícias de/e relativas aos mais variados assuntos da comunidade francesa, ex: *Le Franco-Portugais*, *La Lusitanie*.

Na verdade, a existência do espaço do folhetim contribuiu para fazer do jornal um produto de circulação de massas, que entre outras coisas, oferecia literatura ao público. Para os

7 Registamos a colaboração crescente da mulher em jornais e revistas, que chegam a assumir a direcção e redacção de um periódico, caso de grandes figuras como: Catarina de Andrada, directora do jornal *L’Abeille*; Antónia Pusich proprietária e directora de *Assembleia Literaria*; Francisca Wood redatora principal do jornal *A Voz Feminina*: Jornal semanal, científico, literário e noticioso, “exclusivamente colaborado por senhoras” e o *Almanach das senhoras para...(ano)* Portugal e Brasil de Guiomar Torrezão. Nestes jornais, reconhece-se a importância da mulher e promove-se o seu papel e estimula-se o ensino, a educação das mais necessitadas e oferece-se a literatura, em romances, em poesia, etc. Na *Voz Feminina* encontramos já a secção conhecida por folhetim, com textos assinados por autoras portuguesas, por exemplo, no nº1, *Uma lenda* versão de Anna Amélia de Figueiredo e nº 4, *Uma alma de mulher* de Guiomar Torrezão, mais tarde encontramos uma novela original de Francisca Wood *Mary Severn* e no nº76 encontramos *A cova entre as três colinas* de Nathaniel Hawthorne, já uma tradução, à semelhança de outros periódicos; em *A Esperança : semanario de recreio litterario dedicado às damas*, de 1868, edita-se em formato folhetim (mas sem essa designação) o romance original por Maria Peregrina de Sousa chamado *Maria Isabel* e que apresenta a fórmula mágica “continua”. Estes jornais dirigidos e escritos por mulheres dedicadas à causa da instrução e educação, e cujos subtítulos são muitas das vezes: «semanarios de recreio literário», «revista ilustrada das famílias», «jornal científico, literário e noticioso», etc. que apresentam também o romance com a fórmula “em continuação” e também apresentam obras traduzidas.

jornais, o arranjo era extremamente vantajoso, já que o número de leitores aumentava e a publicação de romances-folhetins fracionados passava a ser o sustentáculo de vendas. Para os autores, a novidade na forma de publicar era assimilada como estratégia apelativa a ser usada na construção dos romances. A cada final de capítulo, impunha-se a questão: “E agora? O que irá acontecer?” E ao estimular a curiosidade do público, garantia-se a venda e aumentava-se o número de assinantes.

A imprensa tenta cativar mais leitores e entre os objetivos utilizados, contam-se os da promoção da educação e instrução do povo : ora instruindo, ora distraindo de maneira inteligente e engenhosa. Por outro lado, em contraposição à imagem de que as mulheres não liam, surgem indícios que demonstram uma alteração de realidades e mentalidades como, por exemplo: a publicação de romances, de contos e novelas na imprensa periódica. As mulheres demonstram interesse pela informação e muitos autores dedicaram-se à temática feminina, criando e caracterizando um perfil de leitor constituído também pelas mulheres (NADAF, 2009, p. 131). A França era a grande referência cultural e intelectual. Os romances-folhetins foram na sua maior parte de autores franceses, traduzidos do francês e publicados em jornais brasileiros e portugueses⁸, mostrando que a narrativa folhetinesca que faz parte das nossas literaturas teve ao longo da história, uma influência nitidamente francesa e o folhetim torna-se um espaço privilegiado no que se refere aos autores estrangeiros e obras traduzidas.

Em Portugal, a leitura do texto em formato folhetim mostra bem a “dimensão do estrangeiro na cultura portuguesa” justificado pelos autores e obras, e criando uma constante na história da literatura e da cultura – relação de um texto com outro(s) texto(s), relação de uma cultura com outra(s) cultura(s). (OUTEIRINHO, 2003, p. 18). No Brasil, este género contribuiu também para o nascimento do romance nacional, pois o romance-folhetim aparece como uma passagem obrigatória para entender a génese do género romanesco no Brasil (HEINEBERG, 2005). Um exemplo destas representações, são as publicações em jornais de romances-folhetins, quer em Portugal⁹ — os *Mistérios de Lisboa* (1853) de Camilo Castelo Branco, quer no Brasil¹⁰ — *Os Mistérios do Rio de Janeiro* (1881) de José de Rocha Leão e *Mistérios do Recife* (1875) de Carneiro Vilela à semelhança do romance-folhetim *Mystères de Paris* (1842-1843) de Eugène Sue (NADAF, 2009, p.122).

O ROMANCE-FOLHETIM E A LEITURA FEMININA

Esta revolução no mercado de leitura da época permite-nos confirmar o crescimento do número de leitores da imprensa periódica, pois até então, dificilmente as classes mais populares tinham o acesso ao jornal, não apenas pelo alto índice de analfabetismo, mas também pelo seu elevado custo, sendo certo que só na década de sessenta se pode falar de uma imprensa barata dirigida a um número significativo do leitorado. O folhetim, por sua vez, passa a funcionar como o microcosmos do jornal pela sua capacidade de resposta. Este fenómeno de leitura parece definir também os novos gostos e hábitos de leitura da população feminina. O que liam as novas leitoras da segunda metade do século XIX? Preferiam contos e novelas, normalmente em episódios na imprensa periódica?

Muitas mulheres sabiam ler, mas não eram capazes de assinar o seu próprio nome. A educação das meninas estava atrasada em relação a dos meninos, a quem era estimulada a prática da escrita e algumas mulheres mais instruídas perceberam que a imprensa seria um meio para poder divulgar as

8 As próprias fontes, assim como os estudos brasileiros e portugueses são muito específicos ao divulgarem a presença de autores franceses, por tugueses e brasileiros na imprensa da época. Cf. Referências

9 Na primeira metade do século XIX, em Portugal, já muito semelhante ao género folhetinesco, encontramos os seis primeiros capítulos de *Viagens na minha Terra* de Almeida Garrett, editado na *Revista Universal Lisbonense*, entre Agosto e Dezembro de 1843, mais tarde entre 1845 e 1846 a Revista publica os restantes capítulos e só no final de 1846 surgiu a primeira edição em livro. Também os primeiros textos do *Eurico o Presbítero*, o *Bobo*, *Pároco de Aldeia* e *Monge de Cister* de Alexandre Herculano foram editados no *Panorama* e *Revista Universal Lisbonense*, entre 1841 e 1843, já com a fórmula mágica “continua-se” ou “continua-se-á”. Já na segunda metade do século XIX, Portugal, como se sabe, ia pautando o seu quotidiano vivencial pelo incremento das edições populares de Júlio Dinis, de Camilo Castelo Branco, os romances de Eça de Queirós, as crônicas de Ramalho Ortigão e o popular folhetim de sensação “O Mistério da Estrada de Sintra” iniciado no *Diário de Notícias* em 1870, que se torna o grande marco da história do folhetim em Portugal.

10 Relativamente aos folhetins editados no Brasil de 1830-1994, consultar a obra de José Ramos Tinhorão, cf. Referências.

suas ideias sociais e políticas, pois defendiam que as mulheres deviam aprender a ler e a escrever para poderem participar na vida social, política e religiosa do país. O ativo envolvimento dos intelectuais na sociedade oitocentista conduziu a uma maior reflexão sobre o estado do país e a uma tomada de consciência sobre as alterações a fazer, nomeadamente sobre o analfabetismo do povo ou das classes populares, de ambos os sexos, e não já apenas dos homens e assim surgiram transformações relativamente ao problema da instrução feminina, à mudança de mentalidade relacionada com a mulher, à maior liberdade de imprensa e consequente desenvolvimento do jornalismo. Contudo, só uma parte limitada da população feminina estava em condições de reunir as capacidades literárias, os meios financeiros e disponibilidade de tempo para apreciar as revistas, jornais ou romances, uma vez que a imprensa era um fenómeno marcadamente urbano, cujo público não era muito flexível e teria gostos mais profanos. O nível educacional e a formação do público leitor feminino a partir do séc. XIX, é escasso.

O romance-folhetim instala-se no jornal e espalha-se em volumes baratos pelas bibliotecas e o simples exame às modificações havidas no jornal leva a crer, tal como em França, também em Portugal e no Brasil a sua prosperidade esteve directamente ligada ao sucesso e, portanto à publicação do folhetim, na medida em que coincide com a eclosão do romance europeu, dos portugueses e brasileiros e até com a importância crescente da mulher leitora e da imagem da mulher oitocentista, sob o domínio do romance francês. O folhetim em circulação apresenta-se como sinónimo de romance de sabor popular e cria um público que sustenta este tipo de escrita. O romance-folhetim é essencialmente uma nova concepção da ficção. A invenção de Eugene Sue e de Dumas vai transformar-se numa receita reproduzida por centena de autores e a particular estratégia narrativa que visava criar um efeito de suspense para uma consequente fidelização do leitor, passa também, a designar o novo modo de publicação do romance. Praticamente toda a ficção em prosa da época passa a ser publicada em folhetim, para depois então, conforme o sucesso obtido, sair em volume. Tendo em conta que o folhetim se inscreve e contribui para o desenvolvimento de uma literatura de massas, o seu estudo permite-nos reflectir sobre que leitores e que usos da leitura então se faziam, com a salvaguarda de que, tal como outros momentos da história do objecto impresso, o contacto com o texto não se dá apenas pela leitura, mas ainda através da sua audição (OUTEIRINHO, 2003, p. 21).

Com a expansão da imprensa, face à génese do folhetim e a procura que os periódicos registam em boa parte mercê da rubrica folhetim, o público feminino é com frequência apontado como o maior leitor dessa secção do periódico, numa relação imediata com uma leitura de género que o produto romanesco suportaria e reconhecendo o espaço vasto que ocupa no rés de chão do jornal. No jornal a Liberdade de 24 Maio de 1863, o cronista Simões Ferreira apresenta uma posição sobre a importância do folhetim para a mulher em particular, em que escreve:

é a parte mais popular de todo o jornal [...] o folhetim é principalmente leitura para damas, e as damas precisam mais de saber do que de rir. O rir dá-lhe a natureza; o saber só pode dar-lhe a leitura [...] As mulheres são aquelas que com a mais avidez devoram um folhetim, para saber o que se passa. (O Nacional, Revista do Porto, 30 Nov. 1850) (OUTEIRINHO, 2003, p. 302).

O espaço do folhetim apresentando textos de cariz poético ou romanesco, é bastante procurado pelas leitoras e os romances-folhetins passaram a constituir um importante veículo de popularização dessa literatura atrelado a uma época de publicação de obras de ficção em livros. Assim, a história do folhetim, liga-se à história da criação, difusão e expansão de uma literatura mais popular. O facto de o folhetim ajudar à vulgarização da leitura, de oferecer uma vasta panóplia textual e de investir na leitora, vai permitir o contacto da mulher com os escritos e assuntos diversificados, estimulando a sua curiosidade intelectual – para além da ocupação de um tempo de lazer – criando condições para

uma mudança ou alargamento de gostos de leitura que permitem a emergência de uma nova visão da mulher que pode e deve aceder ao conhecimento.

O romance-folhetim era um assunto de conversa diária entre as mulheres, que muitas vezes os cortavam e encadernavam juntos. Estes livros improvisados passavam, de mão em mão femininas. As mulheres que nunca tinham comprado um livro passavam a construir a sua própria biblioteca de textos cortados, cosidos juntos e frequentemente emprestados. O folhetim ajudava a criar ou a consolidar hábitos de leitura, familiarizava e colocava a mulher perante um conjunto de teses que paulatinamente vai incorporando, funcionando assim o folhetim como um meio de uma socialização secundária.

Por outro lado, a escolarização, o acesso à leitura e a consequente procura de informação, abriram à mulher oitocentista novas oportunidades e prepararam-na melhor para aceder à vida pública, na medida em que deixou de estar circunscrita à esfera da família. Desenvolve-se uma ligação entre o hábito da leitura, da leitura feminina e a presença do livro ou do jornal, quer na intimidade do espaço privado, quer posteriormente no espaço exterior e aberto. A educação e o ensino feminino, bem como o ensino técnico (industrial, comercial e agrícola), conduzem-nos à necessidade de se proceder a investigações que nos proporcionem um conhecimento mais específicos das populações, das suas vivências quotidianas e possam estabelecer uma relação com o processo de implementação da escolaridade pública em Portugal, na segunda metade do século XIX. Interessa-nos também, posicionar estas mulheres num grupo social, para as diferenciar das jovens mulheres das classes privilegiadas, pois uma investigação futura sobre a emergência da nova leitora, coloca-nos essa interrogação. As novas leitoras poderão ser as mulheres que ultrapassaram o ensino primário e ingressaram noutro tipo de ensino? O progresso do ensino ajudou ao crescimento do leitorado? Parece que a mudança de expectativas das mulheres muito contribuiu para aumentar o nível de literacia feminina e para que a mulher encontrasse o seu próprio espaço.

Os novos leitores, segundo Martyn Lyons, são: mulheres, crianças e operários: “Au XIX siècle, l’Occident accède l’alphabétisation de masse. Les progrès enregistrés au siècle des Lumières se poursuivent, et entraînent l’apparition d’un nouveau public de lecteurs, à la croissante rapide, consommateur de journaux et de romans bons marché” (LYONS, 1997, p.393-395).

A idade de ouro do livro no Ocidente, ainda segundo Lyons, foi o meio século entre 1880 / 1930, a produção em massa de romances populares foi muito bem recebida pelos novos leitores e contribuiu para torná-la mais homogênea. A leitura pública, no Ocidente, adquiriu novas camadas e o livro atingiu vários leitores, tornando-se um objecto de consumo tal como o sabão e as batatas. Muitos leitores foram à escola, mas por pouco tempo ou irregularmente. A obrigação de ganhar a vida desde cedo, ou ir procurar trabalho longe, impedia-os de frequentar a escola durante muito tempo. Constituíam um conjunto de autodidactas, que tinham tomado para eles o essencial do que sabiam. Qual será a relação das novas leitoras com a leitura? “É através do que circula, do que se lê, ou procura ler, do que é produzido, quer entre nós, quer pela via da tradução, que é possível tomar o pulso às ideias que matizaram o pensar e o idealizar da sociedade portuguesa.” (LYONS, 2001, p.393-429).

Sendo a leitura uma construção de significados e sendo o acto de ler extremamente complexo, também se deve considerar o motivo e o sentido que levam um leitor a um texto. Actualmente sabemos que entre as razões que levam uma pessoa a ler, estão: o lazer, a necessidade de actualizar conhecimentos, aprofundar determinado assunto. Serão essas, as razões pelas quais o romance acabou por ficar associado à leitura feminina? À chamada literatura de evasão? Ou leitura mundana? Como lhe chama Fátima Nunes. As novelas dão ao leitor linhas de orientação que permitem basear os seus julgamentos, promover as suas expectativas e deixar pistas para sua imaginação. A presença do leitor e as expectativas do trabalho de ficção, podem ser deduzidas do texto. Foi esta nova

sensibilidade de leitura que veio substituir o gosto literário da novela pastoril ou da novela heróica e cavaleiresca. Na leitura portuguesa clássica incluíam-se nomes como Camões, Fernão Mendes Pinto, padre António Vieira. Mais tarde viriam os autores literários Garrett, Herculano, como os primeiros românticos, para os quais a divulgação do folhetim e do conto cortado pelo ritmo do periodismo muito contribuía para galvanizar e aumentar os veículos de leitura entre nós.

Quase certo, é que o romance do séc. XIX acaba por ser associado à leitura feminina, às características tidas como naturais da mulher como sensibilidade, irracionalidade e emoção, impondo o amor como ingrediente constitutivo, e essencial da identidade feminina. O romance-folhetim parece assim contribuir para a promoção da mulher na sociedade da época ao mostrar, por exemplo, o poder que ela tem em relação ao jornal ou a uma parte dele. Foi também no século XIX que se assistiu ao aparecimento e crescimento da imprensa feminina a qual nos dá informações e nos permite definir com maior rigor o perfil da mulher deste século. No entanto só um estudo mais aprofundado dos periódicos femininos desse século, dos romances e pinturas que retratam a época poderão contribuir para um melhor conhecimento da criação, formação e consolidação de um público leitor do sexo feminino.

Assim, parece-nos que o grande público consistia em mulheres, estas novas leitoras que reclamavam quase sempre uma literatura de evasão, em preferência às obras práticas e instrutivas, conforme nos demonstra este excerto da Ilustração Portuguesa de (21 Setembro de 1908), referente à leitora alfacinha e à prática de leitura:

Toda a sua actividade matinal se passa, portanto em casa. Começa por se pôr a bem com Deus, resando e, com os homens penteando-se. Depois lê o jornal. Ler o jornal é uma ocupação, um dever, uma necessidade. Antes quasi de saber o quê se passa em casa d'ella, a Alfacinha sente a necessidade imperiosa de saber o que se passa em casa dos outros. Não o faz por bisbilhotice. Fal-o por uma espécie de acanhamento, alias sympáthico, e modéstia, de receio, que lhe são próprios. Não é capaz de viver por si só.

O romance folhetim é um lugar de escrita que se autonomiza em relação a outras secções e matérias do jornal, acolhendo rubricas várias que anteriormente se encontravam dispersas no periódico e que iam para além da notícia ou das novas questões políticas, além de que a leitura das publicações de romances de folhetim passou a disseminar-se entre as classes mais populares e deixou de ser lido apenas por uma elite feminina em seus momentos de ócio.

Em jeito de conclusão, poderemos dizer que a imprensa periódica e a circulação do romance folhetim foram usados como meios de difusão de ideias, costumes e hábitos europeus, principalmente franceses e desse modo contribuíram para a formação de um público leitor, quer português, quer brasileiro. Estabeleceu-se um novo tipo de relação entre o autor e o seu público, as mulheres fizeram parte deste novo público e, simultaneamente parece que se criou um elo transatlântico, uma vez que Portugal e o Brasil aceitaram com entusiasmo este novo género. Em O romance-folhetim francês no Brasil, Yasmin Nadaf diz-nos:

Ao mesmo tempo que se difundiu na França, países como Inglaterra, Portugal e Brasil acolheram calorosamente a nova receita de literatura em série. A cópia seria mais do que prevista, afinal a Paris oitocentista ditava a moda e a cultura do mundo. (NADAF, 2009, p. 124).

A França e os seus valores impunham-se em Portugal, desde o final do século XVIII, data em que a cultura portuguesa erudita se expressa em francês e esta atração pela educação francesa permitiu a diferença e a novidade num país de limites estreitos e que ambicionava adquirir um novo esplendor. No Brasil também a receptividade à cultura francesa foi intensa, passando a absorver tudo o que vinha de França, por representar modernidade e progresso.

De fato, na história do folhetim, não é possível distanciar-nos do espaço literário e mesmo transcontinental, uma vez que o livro, no séc. XIX se transformou num fenómeno de economia internacional e a França desempenhou um papel fulcral na difusão da cultura literária, permitindo ao continente europeu definir-se como o grande produtor e consumidor da escrita no mundo (LYONS, 1987, p. 67).

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia et al. *Caminhos do romance no Brasil: séculos XVII e XIX*. São Paulo : Caminhos do romance; FASESP, 2005.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). *Histoire de la lecture dans le monde occidental*. Paris : Ed. du Seuil, 2001.
- DARNTON, Robert. Historia de la lectura. In: *Formas de hacer Historia*. Madrid: Alianza Universidad, 1994. p. 177-208.
- DUMONT, Lígia Maria Moreira; ESPÍRITO SANTO, Patrícia. Leitura feminina: movitação, contexto e conhecimento. Rio de Janeiro, Ciência & Cognição, v.10, 2007, p. 28-37.
- HAICKEL, M.P. Folhetim: um fenômeno literário. Brasília: Thesaurus Editora, 2006.
- LOPES, Ana Maria Costa. Imagens da Mulher na imprensa feminina de oitocentos : percursos de modernidade. 1.ed. [Lisboa] : Quimera, 2005.
- HEINEBERG, Ilana. La suite au prochain numéro : formation du roman-feuilleton brésilien à partir des quotidiens. *Jornal do Commercio, Diário do Rio de Janeiro et Correio mercantil (1830-1879)*. Sorbonne Nouvelle - Paris, 2004, 3v. 386 p., 290 p. Tese (Doutorado em Literatura brasileira) - UNIVERSITE DE LA SORBONNE NOUVELLE – PARIS III, 2004.
- LEAL, Maria Ivone. Um século de periódicos femininos. Lisboa: Comissão para a Igualdade de Direitos das Mulheres, 1992
- LYONS, Martyn. Les nouveaux lecteurs au XIX siècle : femmes, enfants, ouvriers”. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). *Histoire de la lecture dans le monde Occidental*. Paris : Ed. du Seuil, 2001. p. 393-429.
- LYONS, Martyn. *Le triomphe du livre*. Paris : Cercle de la Librairie, 1987.
- MEYER, Marlyse. Folhetim : uma história. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.
- NADAF, Yasmin Jamil .O romance folhetim francês no Brasil : um percurso. Letras, Santa Maria, v. 19, n. 2, p. 126–138, jul./dez. 2009. Disponível em:
- <http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r39/artigo39_008.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2011.
- NUNES, Maria de Fátima - “O fenómeno da difusão da leitura”. In: REIS, António (dir.). Portugal Contemporâneo. Lisboa : Publicações Alfa, 1990. Vol. 1, p. 647-654.
- OUTEIRINHO, Maria de Fátima da Costa. O folhetim em Portugal no século XIX : uma nova janela no mundo das letras. Lisboa, 2003, 2v. Tese. (Doutorado em Letras) - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.
- RAFAEL, Gina Guedes ; SANTOS, Manuela, (Org.; Coord). *Jornais e revistas portuguesas do século XIX*. Lisboa : Biblioteca Nacional, 1998-2002.

RAFAEL, Gina Guedes. A leitura feminina na segunda metade do século XIX em Portugal : testemunhos e problemas. Lisboa : Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2001. Tese de mestrado

REIS, Ana Lucia Silva Resende de Andrade. O romance folhetim no Brasil do século XIX. Disponível em: <www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/.../ana_reis.doc>. Acesso em: 21 jun. 2011.

RODRIGUES, Eni Neves da Silva. Os romances nos periódicos matogrossenses dos oitocentos. Disponível em: < www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/.../periodicos.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2011.

RODRIGUES, Ernesto. Mágico folhetim : literatura e jornalismo em Portugal. 1. ed. Lisboa : Notícias, 1998.

TENGARRINHA, José. História da imprensa periódica portuguesa. Lisboa: Portugália, 1989.

TINHORÃO, José Ramos. Os romances em folhetins no Brasil : 1830 à atualidade. Rio de Janeiro: Livraria Duas Cidades, 1994.

TORGAL, Luis Reis ; VARGUES, Isabel Nobre . Produção e reprodução cultural. In: MATOSO, José (dir.). História de Portugal . Lisboa : Editorial estampa, 1993.Vol.5 p. 685-696..

SANTOS, Edimara Ferreira; ARAÚJO, Joseane Sousa. A circulação dos romances-folhetins na Belém oitocentista. Disponível em: <

http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem12/COLE_1429.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2011.

Jornais

Abelha. Lisboa, 1836.

L'abeille francaise. Lisboa, 1836

L'abeille : revue encyclopedie. Lisboa, 1836

Almanach das Senhoras para o ano ...Portugal e Brasil. Lisboa, 1871-1928

Diário de Noticias. Lisboa, 1864-

Estação de Paris. Lisboa, 1895 - <http://purl.pt/22792>

Le Franco-Portugais. Lisboa, 1939-1840 - <http://purl.pt/17329>

A Ilustração portuguesa. Lisboa, 1903-

Jornal do Brasil. Lisboa, 1897-1988 - <http://purl.pt/22831>

Jornal do Porto. Porto, 1859-1892- <http://purl.pt/14338>

La Lusitanie. Lisboa, 1839 - <http://purl.pt/17328>

Panorama. Lisboa, 1837- 868

Portugal e Brasil. Lisboa, 1895 - <http://purl.pt/22822>

Primeiro de Janeiro. Porto, 1869

Revista da America. Lisboa, 1876 - <http://purl.pt/22139>

Revolução de Setembro. Lisboa, 1840

Século. Lisboa, 1881